

Recomendações de um orientador-diabo ao seu seminarista-aprendiz

Gabriele Greggersen. Revista Teologia Hoje, v.2, n.2 (2004).

1

Caríssimo seminarista,

Você deve achar estranho estar recebendo essa carta minha, já que mal começou o seu tão estimado curso de teologia e nem mesmo foi iniciado na prática do exorcismo. Mas não se assuste. Os diabos às vezes têm EXCELENTES MOTIVOS para lhe oferecer EXTRAORDINÁRIOS conselhos.

2

E prometo (ESPERO EFUSIVAMENTE) que essa será a única carta minha que você irá receber, já que não quero colocá-lo em nenhuma situação embaraçosa. Por isso você deve prestar atenção dobrada ao que eu vou dizer PARA O SEU PRÓPRIO BEM.

3

Sei que você ainda não está muito consciente ou preocupado com o que vem por aí no FIM DO CURSO. Afinal, você acabou de começar uma carreira que certamente será brilhante e que você está mais do que em condições de encarar. O que você não sabe e eu, na condição de seu orientador interino, estou fazendo o favor de lhe deixar claro é que você está diante da missão quase impossível: a famigerada e detestável, assim chamada "monografia de fim de curso". Só de mencioná-lo já tenho calafrios...

4

Pode parecer até que ela se encontra muito distante e que até lá, você certamente terá acumulados todos os conhecimentos do mundo para dar conta do recado. Mas eu estou te alertando para o fato de que você tem motivos para PREOCUPAÇÃO, sim! Por mais que eu normalmente apóie a filosofia tão brasileira de deixar tudo para os últimos minutos do segundo tempo, e viver uma vida sem estresse, dessa vez você precisa me levar a sério. Eu detesto os provérbios, que normalmente não passam de intromissões bastante inoportunas do INIMIGO. Mas sou obrigado, nesse caso a admitir esse: NÃO DEIXE PARA AMANHÃ O QUE PODE FAZER HOJE. Não estou obviamente falando da sua monografia, mas de algumas medidas que você pode tomar desde já e que amenizarão o seu sofrimento no futuro e o farão se safar dos DUROS OBSTÁCULOS ACADÊMICOS, que tornam a sua vida de seminarista ainda mais sofrida.

5

Garanto-lhe que você tem todos os motivos para estar desde já preocupado com o tanto de linhas que vêm pela frente. Por outro lado, eu prometo ainda que o tempo que você gastará para ler esse artigo (entre 10 minutos a três horas, mais precisamente) certamente reverterá em vantagens para você. Principalmente, se o máximo que você já leu na vida foram algumas páginas daquele livro detestável do Inimigo. Você não podia ter parado no gibi? Tinha que estragar tudo! Mas agora eu estou aqui para amenizar a enrascada em que você se meteu.

6

Para começar é preciso que você entenda que bicho é esse, chamado "monografia de fim de curso". Não é nada do que disseram os seus amados mestres. Por incrível que isso possa parecer aos seus olhos pastorais, eles alegam que se trata de um "trabalho acadêmico". Para quem não sabe, a palavra academia vem de Academus, nome do sujeito que cedeu o seu jardim para que os meus excelentes discípulos da Antigüidade, os sofistas, pudessem se encontrar para maquinar as suas estratégias de ataque contra os bons e defesa dos maus.

7

Ao contrário de todo o alarde que os seus professores fazem em torno desse trabalho, vou te fazer o favor de desmistificá-lo. Na verdade, uma "monografia" não é nada mais do que um TEXTO, escrito em folhas de papel A4, espaço dois entre as linhas (pode usar um e meio que ninguém reclama e sai mais barato. Para a minha tristeza, algumas faculdades de bom senso já oficializaram essa regra), com mais de três linhas de preferência, sobre um só tema. Como você bem deve saber, "mono" é uma coisa só. Então, eu sei que é duro, mas preciso lhe dizer que as pessoas esperam que você escreva, sim, mas não se assuste! Não precisa ser NADA DE MUITO CRIATIVO. Limite-

se a escrever a mesma coisa, de formas diferentes. Por exemplo, "terrivelmente horrível", "pecado do pecador", "paranóia doida", e coisas do tipo.

8

Então, você não precisa escrever muito, já que está sendo pedagogicamente didático, ou seja, mais do que claro. Aliás, quanto mais você escrever, maiores as chances de ser pego em algum erro.

9

Mas se quiser escrever muito, coisa que recomendo somente aos verdadeiramente capacitados, escreva MUITO MESMO, um verdadeiro CALHAMAÇO. A vantagem disso é que o "carrasco", quero dizer o "integrante" da banca incumbido, será mais vulnerável à tentação de não ler sequer a primeira página.

10

Então, saiba de preferência o mais rápido possível, QUEM são os "executores", quero dizer, os "integrantes" da sua banca, estude-os bem e descubra que tipo de coisa ELES QUEREM LER. Sim, porque a chance de mais alguém ler a sua monografia é praticamente zero. Então não se preocupe com outros leitores. Não se iluda. Eles simplesmente não existem.

11

Escolha um BOM orientador que esteja à minha altura

Aliás, um deles você saberá com certeza quem é: o presidente da banca, o seu amado mestre ORIENTADOR, que por enquanto sou eu, mas já, já passarei o cargo com muito gosto adiante, para algum dos meus outros aprendizes.

12

Táí mais um assunto delicado: você já deve ter lido aquela história que eu me encarreguei de espalhar pela internet da tese do coelhinho.¹ Pois é. Adivinha quem era o leão da caverna? Ele mesmo: o Inimigo. É incrível como Ele se mete nas histórias mais inocentes do mundo (mas é bom você não espalhar isso...)! Não precisa nem ter bruxa e magia. É uma verdadeira praga! Então é melhor desconfiar sempre das histórias, principalmente aquelas muito imaginativas.

13

Limite-se de preferência a ler aqueles livros técnicos, que FALAM SOBRE isso ou aquilo, tipo enciclopédia. E pelo amor do Inimigo, você está PROIBIDO de ler os clássicos. Primeiro que eles são muito chatos e difíceis de entender. E, segundo, fica bem mais fácil para você consultar a internet ou algum bom dicionário para saber o que todos falaram sobre tudo e sem ter que ler nenhum dos autores tão bem resumidos.

14

Outra dica: coloque as idéias de preferência sem emitir NENHUM JUÍZO DE VALOR. Use os autores que VOCÊ NÃO LEU como um escudo contra as garras dos seus "fuziladores", digo, os "integrantes" da sua banca. Não deixe que ninguém descubra o que você realmente pensa, mesmo porque VOCÊ NÃO TEM IDÉIAS E NÃO PENSA.

15

Se fosse aquele seu colega de classe, o sabe-tudo, eu daria outro conselho. Diria que o melhor no caso dele é não citar absolutamente NINGUÉM. Afinal, suas próprias idéias e convicções brilhantes já bastam para dar conta do assunto. Esse tipo de aluno, que não é o seu caso, tem mais é que assumir a AUTORIA do seu trabalho e defendê-la com unhas e dentes. A única coisa que ele precisa provar é que é ele mesmo. Somente assim poderá provar ao resto do mundo o quanto está certo!

16

No seu caso, eu iria com mais calma, até para não te expor. O máximo que você pode achar é que sabe alguma coisa, ou melhor, que sabe uma só coisa: quem é o seu orientador e defender as idéias dele com unhas e dentes. E é essa a MORAL que vale ressaltar na história do coelhinho:

1. Não importa quão absurdo é o tema de sua tese.
2. Não importa que não tenha o mínimo fundamento científico.
3. Não importa se os seus experimentos nunca cheguem a provar sua teoria.
4. Não importa nem mesmo se suas idéias vão contra o mais óbvio dos conceitos lógicos...
5. O importante é: QUEM é seu orientador...

17

Portanto, faça o favor empenhar-se para encontrar o gurú certo, para guiar o seu caminho. Mas pode deixar, que eu farei o cara certo cruzar o seu caminho, quando você menos espera. Enquanto isso, você precisa se preparar MENTALMENTE para o completo ESVAZIAMENTO MENTAL. Já que você não pensa, nem pense em pensar. Isso cansa muito e te estressa. Não pense principalmente em coisas que não sejam palpáveis, úteis e práticas. E evite ao máximo pensar em coisas criativas ou imaginativas como anjos, demônios, etc. Isso só vai te confundir.

18

Limite-se a pensar na quantidade de livros que você vai evitar de comprar, consultando aquele dicionário, na passagem para visitar a melhor biblioteca especializada do mundo ou o maior especialista no assunto que você vai economizar com aquele telefonema. E não se esqueça de um recurso indispensável hoje: o E-mail.

19

E nem passe pela sua cabeça usá-lo com criatividade. Essa é outra palavra que me dá calafrios. Permita-me, então, recomendar-lhe uma ferramenta maravilhosa para inibir a tentação inerente de querer usar a imaginação que só atrapalha e acaba na certeza da ilusão dos contos da carochinha: a *internet*. Quando a inventaram, fizemos uma festa daquelas, que você imagina (êpa), no inferno. Lá você encontrará de tudo, principalmente a mesma coisa, escrita de formas diferentes. E terá como ocupar a sua imaginação da forma mais útil para os nossos interesses. E o melhor de tudo é que é tudo quase de graça!

20

Mas se você quiser mesmo escrever um trabalho de qualidade, faça o favor de contratar um profissional à altura! Não caia no vício da pão-durisse nessa hora. Afinal, é o seu TRABALHO DE FIM DE CURSO.

21

Para que ser simples, se podemos complicar? E não se preocupe em chegar a algum lugar!

Assim você não corre o risco de não chegar lá e seu trabalho ser considerado um fracasso. Como um colega do Inimigo o chamou pejorativamente, escreva uma "Summa"¹ ou uma obra de "Suspense".² Imagine-se na pele do deus ao conceber o labirinto do Minotauro. Nada mais genial! Em português claro, você deve preocupar-se em ser eficiente somente numa coisa: "encher lingüiça". O que a banca quer ver é conteúdo que impressiona, com palavras pomposas e de impacto. Não economize nos adjetivos de impacto, nos chavões e lugares comuns. E NÃO SE ESQUEÇA DO SEU MAIOR ALIADO: A NOTA DE RODA-PÉ. Ela dá impressão de rigor, cultura e esmero.

22

Então, o importante não é chegar em alguma lugar ou defender alguma verdade, já que nem os matemáticos têm pretensões como essa hoje em dia. Afinal, o que é previsível nessa vida? A única certeza que temos é a incerteza! Tudo o que você tem que provar é que tem ESPÍRITO CRÍTICO (não me pergunte o que é isso) e que sabe ser PROLIXO. Leia alguns compêndios de teologia alemã, particularmente exegeses, da época dos enciclopedistas e

¹ Alda Judith ALVES-MAZZOTTI. "A 'revisão bibliográfica' em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno". In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria N. (orgs). *A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC & São Paulo: Cortez, 2002. p. 34.

² Ibid, 35.

terá um belo modelo a seguir. Você acha que eles planejaram tudo aquilo ou pretendem chegar a algum lugar? Se tivessem, não teriam sequer começado.

23

Então faça tudo diferente, ou melhor até, ao contrário do planejado. Mais fácil ainda é não planejar AT ALL! Limite-se a seguir o tipo de modelo que eu lhe indiquei o mais fielmente possível. Não se preocupe em que seja o melhor, mas o mais prático, conveniente e agradável ao seu orientador. E, pelo amor de Deus, quer dizer, do Inimigo, digo e repito: não pense demais. É precisamente isso que um trabalho como esses quer que você evite ao máximo.

24

Resumindo até aqui, então, o seu trabalho será bom, na medida em que você escolher um bom orientador, em primeiro lugar e um BOM TEMA, em segundo. Para ser bom, ele tem que ter *IMPACTO*, ou seja, um *ASSUNTO DA MODA*. E para descobri-lo e escrever sobre ele, nada mais fácil! É só consultar o Google, Cadê, ou coisa que o valha..

25

Não se preocupe que o assunto seja *realmente* importante. O fundamental é que ele *pareça interessante*, principalmente para o seu orientador e banca. Isso é, uma monografia pode ser até uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado ou trabalho de especialização, de encontro científico, não importa. O importante é que ele tenha esse ar de superioridade universitário-científica.

26

É bom que este arzinho seja bem marcante também no seu texto. Use e abuse dos adjetivos e superlativos: interessantíssimo, enormemente, mais do que excelente, certíssimo, exatamente, etc. E não se esqueça de usar frases compridíssimas, bem à semelhança dos parágrafos e de citações a perder de vista. Afinal, os autores que você escolheu são os melhores do mundo para dizer o que tem que ser dito, da forma mais apropriada do mundo. Nem pense dizê-lo nas suas próprias palavras! Vai estragar tudo!

27

Então cite à vontade. E não se preocupe em articular uma citação com a outra. Afinal, os autores escolhidos falam por si mesmos. Aliás, não há necessidade alguma de relacionar um parágrafo ao outro. O leitor, que é o seu orientador e banca, é que tem a obrigação de conhecê-lo tão bem, quanto os seus saltos mortais de lógica e seqüência de idéias.

28

Nesse sentido, a melhor analogia para inspirá-lo no trabalho de redação é a imagem de um dos nossos principais hóspedes aqui no inferno: Frankenstein. Imagine que seu trabalho é um ser humano recriado das partes de outros seres humanos. Mas paremos com essa coisa perigosa que é a imaginação.

29

Afinal, só estou querendo ajudar, tratando alguns problemas comuns, que costumam ser fonte de muito sofrimento, estresse, dor, angústia e amargura, tornando o seu trabalho o menos penoso e mais prático possível.

30

Aliás, essa carta é tão útil que não servirá tão somente para seminaristas e profissionais dessa importantíssima área para a defesa dos nossos interesses, mas também aos "réus", quero dizer, os "formandos" de outras áreas, as mais variadas. É bom então guardar bem estas linhas e passá-las adiante, mas somente àqueles que, como você mesmo, querem e merecem se dar bem, sem muito sofrimento.

31

Dissertar para quê, se eu posso "listar"?

Como procuramos deixar claro, a partir do exemplo do Frankenstein, é bom que você desenvolva um estilo que também poderíamos chamar de "rococó"³ ou "colcha de retalhos" para os íntimos. Ou seja, de tão convencido que você estará do que quer investigar, você não precisará nada mais do que corroborar o dito pelo não-dito.

32

Além disso, seu trabalho fica "politicamente correto", se alistar todos aqueles autores caros à sua instituição, principalmente os da bibliografia dos cursos do seu orientador e banca. Mas não se preocupe em ler os originais. Como dissemos, eles estão mais à mão do que o livro, logo ali na estante.

33

Imagine-se criando um *Powerpoint*... O seu texto não deve fugir muito desse modelo. Outra metáfora interessante para ser mais didático, por mais que eu as deteste, é a de "parágrafos-canguru", de preferência, de menos de três linhas. De acordo com esse princípio, salta-se de uma idéia muito bem relacionada na sua cabeça e na do seu orientador, para outra. Isso impressionaria qualquer outro leitor, que lembramos bem, é inexistente, pela profusão dos conceitos e formulações que você foi capaz de reunir.

34

Nem pense (você não pensa, lembra?) na hipótese de voltar ao assunto inicial. Para quê? É pura perda de tempo e pode irritar o seu leitor (que a estas alturas, você já deve saber quem é). Sem falar que lá pelas tantas, nem você, muito menos o seu leitor lembrará ou fará muita questão de lembrar de qual assunto se está tratando, afinal. Assim, é melhor não querer ressuscitar os mortos, moda que o nosso Velho Inimigo teve a péssima idéia de introduzir nos nossos territórios mundanos.

35

Retomar todo o capítulo antes de iniciar outro e prever o seguinte, fazer um resumo dos capítulos na introdução, então, são coisas do passado, que só mesmo os velhos aposentados das universidades públicas insistem em fazer. Não se esqueça: você não passa de um reles seminarista! Não é nenhum intelectual. Só o que essas medidas "didáticas" provam é a sua absoluta falta de ter o que dizer (o que não é necessariamente um defeito, como vimos anteriormente).

36

Não perca o tempo com os "dinossauros"

Cuide sempre bem da sua fama de MODERNO, PÓS-MODERNO, enfim, PÓS-TUDO. Uma das pragas que um aprendiz de seminarista dos infernos deve evitar a todo custo é o que os pensadores mais antigos e quase caducos costumavam chamar de "clássicos", mas que na verdade não são mais, do que peças de um antiquário pouco lucrativo. Para que ler Santo Agostinho, Calvino, Kant, Lutero, Bonhoeffer, muito menos Marx, se temos tantas excelentes fontes secundárias, especialmente na internet? Aposto o inferno com você, que nem o seu orientador leu esses caras, muitos dos quais estão nos fazendo companhia em pessoa aqui nas profundezas.

37

Para que perder tempo, lendo Aristóteles e Platão, se eles não estão nas colunas sociais? É muito mais prático e moderno usar os nomes que estão *in*, particularmente os internacionais Mesmo porque, isso conta pontos para a CAPES (alguma surpresa? Eles são os nossos mais fiéis colaboradores!). Então, quanto mais recente a sua bibliografia, melhor.

38

Além do mais, é fundamental que o seu orientador note que você é antes de tudo, um pesquisador que dispõe de todos os recursos da mais alta tecnologia e que também sabe usá-los. Assim, é necessário que você se treine na arte da cópia virtual. É preciso saber iluminar um texto, selecioná-lo todo, não importa em que formato *.pdf* ele esteja e copiá-lo em *Word*. Mas não se esqueça de consultar o dicionário de sinônimos, pois, afinal é preciso provar alguma originalidade, mudando palavras-chave do texto que possam denunciá-lo. E não fique se martirizando (outra palavrinha que me dá arrepios!) cometendo algum crime, pois, afinal, uma vez na internet, o texto passa a ser de "domínio público", ou seja, dos meus domínios. Então está em casa!

³ Ibid, 35.

Afinal, quem é que é original hoje em dia? Como eu já comentei com você, a genialidade do candidato está precisamente em saber dizer O MESMO EM OUTRAS PALAVRAS e saber escolher as palavras de *IMPACTO* que costumam impressionar o seu orientador e a banca. Use JARGÕES pós-modernos como "globalização", "pluralismo", "desenvolvimento sustentado", e verbos americanizados como "impactar", "focar", "pensar estrategicamente", etc.

Para que anunciar, se basta a denunciar?

Não estamos absolutamente insinuando com isso que você seja "do contra". Sabemos muito bem que você sempre se limitou a denunciar o que **ESTÁ ERRADO MESMO**. E com isso faz um enorme bem à humanidade. Essa sua postura natural também é a mais conveniente.

Pode ter certeza que será bem mais fácil achar o que está errado, e provar que está errado, até que se provem o contrário, do que escolher algo que está correto. É só abrir o jornal para se constatar quanta coisa errada existe no mundo. Um prato cheio, que te dará bons *insights* para o seu tema: o terrorismo, a queda da bolsa, o aumento da gasolina, a inflação e estagnação econômica, a desigualdade social, e o que é pior: o desemprego que paira como uma nuvem negra por cima da sua cabeça!

E é precisamente isso que nós temos nos esforçado em promover como sendo "científico": provar o que está errado. Não importa o que, para que ou baseado em quê. O importante é desconstruir, é expurgar da mente, o que o nosso fiel colaborador Francis Bacon foi tão feliz em chamar de "ídolos da mente". Aproveite para jogar com eles também toda e qualquer noção de transcendência ou sobrenatural.

Nada disso combina com uma ciência séria e moderna, mesmo que seja a teologia. Coisas como Deus, isto é, o Inimigo, anjos, inclusive os meus colegas demônios parecem estar lá, de tanto que atrapalham, mas tudo isso são ilusões para as quais você não deve dar a mínima atenção. Não fica bem e não é nada moderno falar nessas coisas. É como quando você se depara com um cachorro bravo: faça de conta que ele não existe e ele fará de conta que você não existe e estará tudo certo.

Mas nem pense em querer dar soluções para os problemas encontrados. Eles simplesmente não existem. Tudo que você tem que fazer é convencer a sua banca e particularmente o seu orientador, que os problemas existem.

Por outro lado, tente provar no final que na verdade eles não são bem **PROBLEMAS**, mas, como diria Nelson Rodrigues, é "a vida como ela é", ou seja, cheia de contradições e ambigüidades. Seu trabalho deve ser como consulta de psicólogo (pelo menos daqueles que jogam no nosso time): diagnostica as doenças, mas te convence de que não são doenças e verdade e, portanto, não existem remédios. Assim, você pode ficar tranquilo em abrir mão de soluções. Aliás, quanto mais obscuro e complicado for o seu texto, melhor.

Evite divisões enfadonhas e títulos superados como "introdução", "metodologia" ou "conclusões". Além de fazer parecer o seu trabalho pouco original (não que ele não seja, mas não precisa tornar esse fato público e notório), ele destruirá a sua imagem pós-moderna desconstrutora. Pois como se sabe, o único método que de fato existe, é o assistemático "achismo" e a única "conclusão" a que somos autorizados a chegar é a inconclusão. Concluir um trabalho é declarar a morte da sua carreira acadêmica mal iniciada, o que em si mesmo, não é má idéia, pois poderá apressar nossos encontro pessoal.

Quem disse que a unanimidade é burra?

Apesar dessa sua postura de desconfiar de tudo e denunciar o que há de errado (são tantas coisas, que fica até difícil escolher), você deverá sempre buscar a concordância, de preferência, com as teorias e autores que estão na crista da onda. NÃO ESTOU FALANDO DE CONSENSO. É bom não confundir.

O consenso é algo muito trabalhoso, que exige o diálogo entre as partes. Trata-se de um senso comum, ou seja comunicado. E comunicação é algo que não apreciamos muito por aqui, pois o Inimigo vive usando esse recurso para minar os nossos intentos.

Para se atingir uma unanimidade DEMOCRÁTICA, basta uma votação, tipo "você decide". E como no caso é você mesmo que decide, então decida! Não importa quão absurda pareça a teoria, idéia ou modelo que você esteja propondo. O negócio é traduzi-la para uma receita sob medida para a comunidade X ou Y e para a realidade brasileira (já que elas vêm todas de fora, é claro).

Prepare-se para hora H

Outro aspecto importante que você saiba desde já é que uma banca de defesa de dissertação ou tese não são nada do que pintam. Não adianta fazer simulações e ensaios. A realidade será sempre outra. Na maioria dos casos todo esse teatro não passa de uma exibição e guerra de vaidades entre os membros da banca. O que menos importa nessa história é você ou o seu trabalho. Portanto, é fundamental que você ofereça as DEIXAS apropriadas para que cada integrante da banca possa exibir toda a vastidão do seu saber e de ter o sentimento de MISSÃO CUMPRIDA no final da sessão, independente, se leu ou não deu tempo de ler o trabalho em si.

Mas cuidado! Não gere polêmicas entre as estrelas. Fuja como eu fujo da cruz de assuntos controvertidos e complexos como a teologia da libertação e o papel da igreja evangélica brasileira na época na ditadura militar. Risque definitivamente do seu dicionário palavras explosivas como pecado, salvação, redenção... Além de estarem absolutamente fora de moda, digo e repito: NÃO SE ILUDA. Essas coisas simplesmente não existem. Então, a regra é: não tente tocar em assuntos que nem você, nem a sua banca podem conhecer, pois não passam de contos da balelas pouco apropriadas para um seminarista acadêmico de gabarito como você.

Para quê mérito, se basta o canudo?

Finalmente, você pode não se preocupar muito chegar em algum lugar específico com a sua dissertação, mas não deve jamais esquecer o seu objetivo geral: obter o DIPLOMA, COM OU SEM MÉRITO. Afinal, quem merece mais diploma do que o orientando que leu essa carta até aqui e seguiu as preciosas recomendações? Pense bem sobre o que VOCÊ MERECE nesse momento, o que já mereceu no passado e o que pretende merecer no futuro. Afinal, se você não pagou o seu curso, ao menos foi bolsista. E nessa condição você tem todos os seus DIREITOS. Seja HOMEM (as mulheres que me desculpem, mas impera aqui a lei do mais forte) e reivindique-os.

Mas se você ainda não assimilou as minhas recomendações até agora, fiz o favor de alistá-las de outra forma mais didática para a sua referência rápida:

1. Saiba quem é o seu orientador e que você não passa de uma lebre.
2. Não esqueça o seu tema: os coelhos são os verdadeiros predadores naturais de animais como as raposas.
3. Faça "listas de lavanderia" e não se preocupe em distinguir autores, afirmações e fatos, mesmo porque você não aprendeu a fazer isso e muito menos a sua banca. O importante é fazer afirmações sobre verdades

inquestionáveis e auto-evidentes. Você e eu sabemos que elas não existem, mas são "politicamente corretas".

4. Faça a sua banca crer que o seu trabalho é de relevância ímpar. Proponha uma verdadeira viagem panorâmica pelo conhecimento de toda a história humana, desde os pré-socráticos, até C.S. Lewis, pelo menos. Cite, cite muito, mas somente os "autores citáveis" na sua instituição.
5. Não se preocupe com tabulações e cálculos enfadonhos. Contrate uma empresa de pesquisa de mercado para colher e tratar os seus dados de forma mais rápida e eficiente.
6. Faça o mesmo com o português. Faça uma boa ação e contrate uma revisora, de preferência, jornalista ou advogada, que conheça bem o linguajar acadêmico.
7. Também não quebre a cabeça com construções lógicas complexas. Tudo pode parecer lógico, desde que você convença o seu leitor de que esse detalhe é secundário e muito relativo. Dê preferência aos falsos pressupostos, analogias inadequadas, e confusões entre relações de causa e efeito. Ninguém notará, desde que você seja convincente.
8. Não pretenda ser imparcial. Isso, além de ser impossível, é hipócrita. Então, envolva-se e dê vazão às suas convicções mais profundas, por mais preconceituosas que elas possam parecer. Afinal ninguém deve se reprimir na era pós-freudiana e você precisa de fato saber defender a sua tese.
9. Pelo amor do Inimigo: não queira usar a imaginação e muito menos o humor. Quanto mais sem-graça e enfadonho o seu trabalho, mais a banca ficará impressionada com o seu rigor acadêmico e estará feliz em acabar logo com isso.
10. Pois afinal, o que importa é o seu orientador!!!

55

Com essas singelas regrinhas, além de ter garantia de sucesso, você economizará muito tempo, horas de sono, falsas amizades e as chateações características desse tipo de trabalho dos diabos. Pois se você não o fizer, certamente chegará ao ponto de MANDAR O SEU TRABALHO PARA O INFERNO. E eu, de minha parte já estou EMPATURRADO deles e já não tenho fogo suficiente mais para consumi-los. Esse é o único motivo para essa carta que se autodestruirá pelos meus próprios poderes termodinâmicos em aproximadamente mil anos!

Seu saudoso orientador-diabo ou, se preferir, Seu diabo-orientador

Notas

* Gabriele Greggersen. Docente da Faculdade Teológica Sul Americana. Doutora em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), pós-doutora pelo Instituto de Estudos Avançados da USP. Autora de *Antropologia Filosófica de C. S. Lewis* (Editora Mackenzie) e *O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética* (Editora Ultimato).

Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Graça e experiência humana*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Alda Judith ALVES-MAZZOTTI. "A 'revisão bibliográfica' em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno". In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria N. (orgs). *A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC & São Paulo: Cortez, 2002.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação*. São Paulo: Atlas, 1997.
- _____. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1996.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. de. "A contribuição da pesquisa etnográfica para a construção do saber didático". In: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales (org.) *Didática: ruptura, compromisso e pesquisa*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1995.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Apresentação de citações em documentos, NBR 6023, 10520 e 14724*. Rio de Janeiro: 2002.
- BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.). *A bússola do escrever*. São Paulo: Cortez & Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- BOGDAN, Taylor. *Introduction to qualitative research*. New York: John Wiley & Son, 1984.
- CHARBONNEAU, François. *Curso de filosofia*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ESPÍRITO SANTO, Alexandre do. *Delineamentos de metodologia científica*. São Paulo: ???, 1992.
- FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREITAS, Henrique & JANISSEK, Raquel. *Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1988.
- LAUAND, L. J. *O que é uma universidade?* São Paulo: Perspectiva & E.P.U., 1987.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- NAGEL, E. *et al.* *Filosofia da ciência*. São Paulo: Cultrix, 1957.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de metodologia científica*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- PIEPER, Josef. *Abertura para o todo: a chance da universidade*. São Paulo: Apel, 1989.
- _____. "Duas maneiras de ser crítico". In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação da FEUSP*, 1 (1993). Disponível em <http://www.hottopos.com>, acesso em 27/05/2004.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1975.
RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1979.
ROESCH, S. M. A. *Projetos de estágio e de pesquisa em administração*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 12 ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 1985.

ⁱ A história é a seguinte:

A Tese do Coelho

Num dia lindo e ensolarado o coelho saiu de sua toca com o notebook e pôs-se a trabalhar, bem concentrado. Pouco depois passou por ali a raposa e viu aquele succulento coelhinho, tão distraído, que chegou a salivar. No entanto, ela ficou intrigada com a atividade do coelho e aproximou-se, curiosa:

Raposa: Coelhoinho, o que você está fazendo aí tão concentrado?

Coelho: Estou redigindo a minha tese de doutorado, disse o coelho sem tirar os olhos do trabalho.

Raposa: Humm ... e qual é o tema da sua tese?

Coelho: Ah, é uma teoria provando que os coelhos são os verdadeiros predadores naturais de animais como as raposas.

A raposa fica indignada:

Raposa: Ora! Isso é ridículo! Nos é que somos os predadores dos coelhos!

Coelho: Absolutamente! Venha comigo a minha toca que eu mostro a minha prova experimental.

O coelho e a raposa entram na toca. Poucos instantes depois, ouve-se alguns ruídos indecifráveis, alguns poucos grunhidos e depois silêncio. Em seguida o coelho volta, sozinho, e mais uma vez retoma os trabalhos da sua tese, como se nada tivesse acontecido.

Meia hora depois passa um lobo. Ao ver o apetitoso coelhinho tão distraído agradece mentalmente à cadeia alimentar por estar com o seu jantar garantido. No entanto, o lobo também acha muito curioso um coelho trabalhando naquela concentração toda. O lobo então resolve saber do que se trata aquilo tudo, antes de devorar o coelhinho:

Lobo: Olá, jovem coelhinho. O que o faz trabalhar tão arduamente?

Coelho: Minha tese de doutorado, seu lobo, é uma teoria que venho desenvolvendo há algum tempo e que prova que nós, coelhos, somos os grandes predadores naturais de vários animais carnívoros, inclusive dos lobos.

O lobo não se contém e farfalha de risos com a petulância do coelho.

Lobo: Ah, ah, ah, ah!! Coelhoinho! Apetitoso coelhinho! Isto é um despropósito. Nós, os lobos, é que somos os genuínos predadores naturais dos coelhos. Aliás, chega de conversa...

Coelho: Desculpe-me, mas se você quiser, eu posso apresentar a minha prova experimental. Você gostaria de acompanhar-me à minha toca?

O lobo não consegue acreditar na sua boa sorte. Ambos desaparecem toca adentro. Alguns instantes depois, ouve-se uivos desesperados, ruídos de mastigação e ... silêncio. Mais uma vez o coelho retorna sozinho, impassível, e volta ao trabalho de redação da sua tese, como se nada tivesse acontecido...

Dentro da toca do coelho vê-se uma enorme pilha de ossos ensangüentados e pelancas de diversas ex-raposas e, ao lado desta, outra pilha ainda maior de ossos e restos mortais daquilo que um dia foram lobos. Ao centro das duas pilhas de ossos, um enorme LEÃO, satisfeito, bem alimentado e sonolento, a palitar os dentes.

MORAL DA HISTORIA:

Não importa quão absurdo é o tema de sua tese.

Não importa que não tenha o mínimo fundamento científico.

Não importa se os seus experimentos nunca cheguem a provar sua teoria.

Não importa nem mesmo se suas idéias vão contra o mais óbvio dos conceitos lógicos... O importante é QUEM é seu orientador...